

## Criatividade como uma dádiva do reino vegetal

### *Creativity as a gift from the plantking dom*

**Daniella Villalta**

Pesquisadora independente

danvita@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-2783-100X>

**Resumo.** Neste estudo exploro a noção de criatividade como uma dádiva oferecida por algumas plantas da ampla farmacopeia indígena da Amazônia, especialmente a ayahuasca. Para tanto, apresento de maneira breve a importância das imagens como fonte de inspiração e conhecimento para os povos amazônicos, e nesse contexto, situo a pintura amazônica contemporânea a partir do artista peruano Pablo Amaringo (1938-2009) e de seu legado para a arte visionária amazônica. Apresento também alguns jovens artistas que inspirados nos conhecimentos dessa medicina ancestral mostram sua relação criativa com ela, expressa em suas produções artísticas.

**Palavras-chave:** Visões. Conhecimento. Criatividade. Arte visionária. Pablo Amaringo.

**Abstract.** *In this study I explore the notion of creativity as a gift offered by some plants in the indigenous pharmacopoeia of the Amazon, especially ayahuasca. To this end, I briefly present the importance of images as a source of inspiration and knowledge for Amazonian peoples, and in this context, I situate contemporary Amazonian painting from the Peruvian artist Pablo Amaringo (1938-2009) and his legacy for art Amazonian visionary. I also present some young artists who, inspired by the knowledge of this ancestral medicine, show their creative relationship with it, expressed in their artistic productions.*

**Keywords:** *Visions. Knowledge. Creativity. Visionary art.*

Recebido: 01/10/2017 Aceito: 27/10/2017 Publicado: 07/11/2017

## 1. Introdução

No domínio da produção de imagens visionárias no contexto ritual da ayahuasca, chamadas também de mirações, Luis Eduardo Luna (1999) aponta que as plantas visionárias têm sido fundamentais na concepção do mundo de diversas culturas há milênios e também em sua expressão criativa. Conforme explica, é por meio do uso ritual de plantas visionárias que, na maioria das vezes, os xamãs se submetem à sua jornada de formação e com suas lições é que adquirem suas habilidades. Essas mesmas plantas visionárias podem gerar mitos e canções de poder que favorecem a comunicação com o que é normalmente invisível e são instrumentos utilizados para navegar no reino visionário. O autor lembra também que em algumas culturas ameríndias, essas plantas são a fonte de inspiração dos motivos iconográficos encontrados na pintura corporal e na decoração de objetos materiais. Além disso, ressalta que canções e visões, bem como visões e sonhos, são reinos intimamente ligados, sendo então, a manifestação de experiências sintéticas simultaneamente percebidas em muitos níveis.

### 1.1 Imagens visionárias e conhecimento amazônico

Os desenhos visionários da ayahuasca, segundo Angelika Gebhart-Sayer (1986), têm sido explicitamente referidos a padrões específicos em diversos estudos. Os Desana (Reichel-Dolmatoff, 1978. apud Sayer, 1986. p.208), percebem suas visões como padrões luminosos simétricos que se sobrepõem como superfícies, múltiplas imagens luminosas, agrupadas ou não, fazendo ziguezagues ou ainda formando desenhos de redes hexagonais e quadriculados, articulados aos estímulos sonoros que podem torná-las ainda mais brilhantes. Assim também são as visões descritas pelos xamãs Shipibo-Conibo: luminosas, melódicas (levando a estados de consciência sinestésica), com projeções que resplandecem em formas geométricas. A autora ressalta que isso exclui a afirmação de que padrões geométricos ou reticulados presentes nas visões de diversos grupos sejam de ordem subjetiva ou cultural, estando ligados a um estado fosfênico que se apresenta em outros estimulantes narcóticos. No caso da ayahuasca, deve-se a uma função neural da retina, estimulada pelo alcaloide harmina.

Os Kaxinawá, por exemplo, equiparam as imagens que surgem no estado alterado da consciência, especialmente aquele induzido pelo *nixipae* (ayahuasca) aos sonhos e a capacidade de perceber a espiritualidade do mundo, sendo ambas “visões verdadeiras da realidade não ordinária, onde é possível travar contato com os *yuxin* (LUZ, 2004. p.39)”. Lagrou (2012) explica que ao relacionar o estilo formal da arte gráfica kaxinawá com os contextos rituais de seu uso, observou a relação entre um estilo de pensar, um estilo de perceber e um estilo particular de mostrar que implica em ocultar a maior parte do que poderia ser visto. Uma arte de sugerir. No caso específico do ritual de ingestão da ayahuasca pelos homens caçadores, “o desenho não é materializado, mas ativamente visualizado. O desenho possui um papel crucial na experiência porque opera a passagem de uma percepção visual para uma percepção visionária (LAGROU, 2012. p.102)”. Assim se dá a transformação visual que leva do grafismo à figuração virtual, a quimera abstrata que marca a fluidez das imagens visionárias que nunca se deixam capturar.

Para os Ashaninka, do grupo Aruák, o *kamarampi*, termo advindo do verbo kamarank, vomitar, designa a bebida, ao lado da expressão *hananeroca*, que vem de *Hananerite*, o rio celestial, mais *ca*, o cipó. Luz (2004) afirma que entre os Ashaninka,

*Banisteriopsiscaapi* proporciona àquele que a usa a capacidade de ver os espíritos como eles realmente são, ou seja, em sua forma humana (...) sob o efeito da bebida, as qualidades perceptíveis do mundo aparecem como uma ilusão criada pelos ‘seres poderosos’, sua forma intencionalmente ilusória (Luz, 2004. p.47).

Ester Langdon (2004) explora as experiências dos Siona da Colômbia com o yagé e suas narrativas, e ensina que as visões advindas do uso do cipó estão intimamente ligadas à aquisição de conhecimento. O mestre xamã lidera os ritos, sendo os poderes de ver e saber essenciais para acompanhar os outros nos caminhos xamânicos. Conforme cita, “Os Siona dizem que o xamã ‘dá as dicas com seus cânticos, e a gente vai vendo’ o ‘outro lado’: suas cenas, sua beleza, suas cores, seus cheiros, seus ritmos e seus sons se tornam realidade (LANGDON, 2004. p.72)”, com uma forte tradição oral, poética e performativa que embelezam a experiência de contar e ouvir.

## **2.Arte amazônica e experiência criativa**

A arte visionária amazônica está calcada num modo de ser e de viver no mundo e não está contida apenas numa produção artística altamente imaginativa ou fantasiosa. Antes, trata-se de uma produção ancorada nas experiências dos pintores visionários, sendo pinturas testemunhais, que conforme Belaunde (2013) assinala

são narrações visuais das experiências vividas pelo pintor, no seio de diversas práticas culturais de transmissão e geração de conhecimentos, muitas vezes conduzidas em famílias e sustentadas por meio de plantas que ocupam um lugar chave na vida ritual da Amazônia do pie-de-monte andino; (...) Portanto, mais do que usar plantas para pintar, os artistas fazem ver visões que provêm das plantas, já que essas plantas são tidas como fontes de conhecimento, memória ancestral e criatividade imagética (BELAUNDE, 2013).

A arte visionária amazônica tornou-se conhecida pela obra de Pablo Amaringo, xamã/artista peruano que no final dos anos de 1980, em Pucallpa, no Peru, fundou com a colaboração do antropólogo colombiano Eduardo Luna, uma escola de pintura amazônica, a *Usko Ayar*, “*con el claro objetivo de enseñar artes plásticas y promover em los niños y jóvenes valores como el respeto a la naturaleza, conservación del medio ambiente y el amor a la cultura amazónica* (RIVERA, 2015, p.33)”.

O interesse inicial de Luna e também do etnofarmacologista Dennis McKenna, era conhecer as plantas mágicas do Peru, mas Amaringo argumentou que não praticava mais o xamanismo. Vendo a decepção dos pesquisadores, e por outro lado estimulado por eles, disse que podia pintar tudo que a ayahuasca o havia ensinado. Em uma

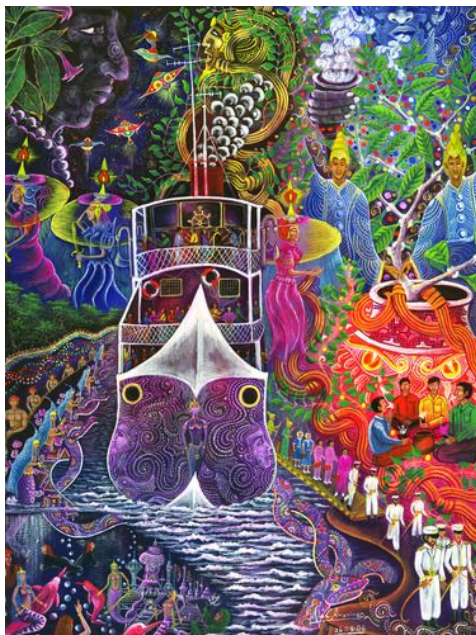


entrevista, quando perguntado sobre a ayahuasca ser uma planta mestra também para a arte, Amaringo afirmou acreditar que sim e que isto se dá através da pessoa que quando, sentindo o desejo de beber ayahuasca, “*lohace y surge uma inspiración, brota la creatividad, la intuición, la inteligencia, el discernimento y bueno, tantas otras cosas más* (RIVERA, 2015. p.38)”.



**Figura 1.** Misterio Profundo, 2009.

Fonte: Disponível em <https://www.facebook.com/166538396710448/photos/pablo-amaringo-with-his-mural-painting-misterio-profundo-504758636221754/>



**Figuras 2 e 3.** Barco Fantasma e EncantuRumi

Fonte: CHARING; CLOUDSLEY; AMARINGO, 2011.

Amaringo dizia querer ser um grande *sementeiro* da arte amazônica no mundo. De fato sua escola formou muitos artistas que levaram a arte amazônica a alcançar grande expressão num mercado internacional bastante interessado nesse tipo de arte. Anderson Debernardi, um dos primeiros alunos a receber a formação proposta por Amaringo, é considerado um dos mais expressivos artistas de sua geração e para alguns superou até mesmo seu *maestro*. Suas obras saíram do contexto amazônico e ganharam o mundo. Sobre suas visões, transe, criatividade e talento artístico com a ayahuasca, o artista relata em uma entrevista concedida a Rivera (2015), que existe uma relação em tudo, que a ayahuasca é um todo, o centro de tudo para ele: o artístico, o visionário, o estético, a beleza. E acrescenta que o que ele próprio faz fisicamente é nada, pois a beleza (da experiência visionária, presumo) é enorme, com cores que não se pode comparar e com muita potencialidade para a criatividade.



**Figura 4:** *Magic serpentes.*

Fonte: Disponível em <https://transpersonalspirit.files.wordpress.com/2013/01/anderson-debernardi-magic-serpents.jpg>

Casilda Pinche Sánches, artista e professora de arte, seguiu os passos de seu *maestro*, construindo a escola de arte *Purawa*, em Puerto Miguel, uma comunidade próxima a Nauta, na região de Iquitos. Em entrevista a Rivera (2015), ao ser perguntada sobre a *ajuda* que a ayahuasca poderia dar aos artistas, ela reconhece a influência advinda de suas experiências com a bebida em sua produção artística, considerando-a uma arte espiritual concebida através da ayahuasca e também vinculada aos espíritos dos animais da terra, da água e do ar. Do ponto de vista do desenvolvimento artístico que a bebida pode oferecer, a artista considera que cada um fará proveito conforme puder conhecer-



se a si mesmo e descobrir e abrir novos sonhos e novos propósitos com a ajuda desta medicina.



**Figura 5.** Sem título

. Fonte:Disponível em <http://cochadelibros.blogspot.com/2019/06/purawa-escuela-de-arte.html>

Para o artista peruano Paollo Del Águila, também egresso da escola de Amaringo, a criatividade é um dom das plantas e recorda que durante sua primeira experiência visionária, a ayahuasca personificada no corpo de uma anciã lhe entregou pincéis e um estilo próprio que o ajudou a se distinguir dos convencionalismos das escolas de arte ocidentais e também do próprio convencionalismo da escola de arte de Pucallpa. Conforme diz, “*lo que plasmo em mi expresión plástica esla espiritualidade*”, o artista chama então a sua arte de espiritual, pois afirma que “*lafuente de inspiración de mis trabajos es la ayahuasca y todo lo que sucede em mícuando tomo ayahuasca*” (DEL ÁGUILLA, 2014).



## Figura 6. *Shamanes.*

Fonte:Disponível em <https://projetomira.wordpress.com/>

Christian Bendayán, artista iquitenho, escreveu no prólogo de um livro comemorativo dos 25 anos da escola *Usko Ayar* que,

*La creatividad y generosidad de Don Pablo no solo concebiría una infinidad de pinturas que nos invita al viaje cósmico, también nos revela los conocimientos de la medicina tradicional, detalladas ilustraciones de la naturaleza amazónica y un dogma de vida basado en valores ancestrales* (BENDAYAN & VILAR, 2013. p.6).

### 3. Conclusões

Relacionar a arte visionária amazônica à criatividade não é algo simples e é preciso considerar pelo menos um ponto para uma reflexão final. Quando se fala de uma planta capaz de carregar conhecimentos ancestrais, não se pode pensar a criatividade como um feito individual do artista. Nem tão pouco se deve pensar essa modalidade artística como simples adorno para paredes. Antes, é prudente pensá-la como uma arte capaz de *sanar*, mostrando mundos invisíveis e os poderes que os animam. Vale retomar as colocações de Belaunde (2013) quando afirma que mais do que usar plantas para pintar, os artistas fazem ver visões que provêm das plantas, já que essas plantas são tidas como fontes de conhecimento, memória ancestral e criatividade imagética. Assim sendo, acrescento que esta é uma arte capaz de contribuir para a compreensão das cosmovisões amazônicas e aprofundar o conhecimento sobre esta região plena em biodiversidade. Nos mundos amazônicos, as imagens expressam forças e poderes e também suas relações, e não cabe aqui tratá-las como fruto da criatividade artística. Além do mais, para mim, a criatividade não deve ser pensada somente como *insights* que rompem com modos convencionais de concepção do mundo, tampouco como um dom reservados a alguns gênios. Mas como uma abertura ao conhecimento, àquilo que não se sabia, nem conhecia e no caso das plantas carregadas de conhecimentos ancestrais, a criatividade é também conhecimento que se revela e assim permite à pessoa que nela busca esse conhecimento novos arranjos, novos olhares e modos de perceber e se corresponder com a realidade, de modo a fazê-lo mais criativamente.

### Referências

BELAUNDE. L, E. **Processos criativos na pintura visionária xamânica da Amazônia peruana: Roldán Pinedo y Enrique Casanto.** 37º Encontro Anual da ANPOCS. Disponível em <http://www.anpocs.org/index.php/papers-37-encontro/st/st35?format=html> Acesso em 01/jun/2017.

BENDAYAN, C. & VILAR, A. *Usko Ayar: la escuela de las visiones.* Lima: PetroPeru, 2013.



CHARING, H.; CLOUDSLEY; P. AMARINGO. P. *The Ayahuasca Visionsof Pablo Amaringo*. Londres: *Inne rTraditions*, 2011.

DEBERNARDI, A. *Magic Serpents*. Disponível em <https://transpersonalspirit.files.wordpress.com/2013/01/anderson-debernardi-magic-serpents.jpg> Acessado em 22/04/2020.

DEL ÁGUILA, P. *¡Mira!Artes Visuais Contemporâneas dos Povos Indígenas*. Disponível em <https://projetomira.wordpress.com/> Acesso em 20/4/2020.

GEBHART-SAYER, Angelika. "*Una Terapia Estética: Los Diseños Visionarios del Ayahuasca entre los Shipibo-Conibo*". **América Indígena**. XLVI:189-218,1986.

LAGROU, Els. *Perspectivismo, animismo y quimeras*. **Mundo Amazônico** 3:95-122, 2012. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/142776735/Els-Lagrou-Perspectivismo-Anismismo-y-Quimera#scribd> Acesso em 7/set/2017.

LANGDON, E. J. *A tradição narrativa e aprendizagem com yagé (ayahuasca) entre os índios Siona da Colômbia*. In: LABATE, B. C.&ARAÚJO, Wladimir S. (orgs.) **O uso ritual da ayahuasca**. Campinas: Mercado de Letras/FAPESP, 2004.

LUNA, E. *Cultural Encounters. Creative. ExpressionsofHealing*. Disponível em <https://www.stlawu.edu/gallery/course-related-projects> Acesso em 15/4/2020.

LUNA, L.E.;AMARINGO, P.. *Ayahuasca Visions: The Religious Iconography of a Peruvian Shaman*. Berkeley: North Atlantic Books, 1991.

LUZ, P.. *O uso ameríndio do caapi*. In: LABATE, Beatriz C.& ARAÚJO, Wladimir S. (orgs.) **O uso ritual da ayahuasca**. Campinas: Mercado de Letras/FAPESP, 2004.

RIVERA, R. C. *Arte con ayahuasca, entrevistas sobre procesos creativos*. Lima: La Nave, 2015.

SANCHEZ, C. P. *La cocha de los libros*. Disponível em <http://cochadelibros.blogspot.com/2019/06/purawa-escuela-de-arte.html> Acessado em 22/04/2020.